

## **40º Encontro Anual da Anpocs**

### **ST31 - Sociedade e vida econômica**

#### **Ser cachorro no século XXI: a domesticação inversa e o mercado de pets em perspectiva sociológica**

Marcia da Silva Mazon - marciadasilvamazon@yahoo.com.br  
UFSC

Resumo:

*a presença mais robusta de animais de estimação entre humanos surge a partir da chave explicativa do ator racional que opta pelo afeto dirigido aos animais como forma de compensar os ninhos vazios da sociedade industrial. Questionando esta ideia propomos neste artigo investigar aspectos da sociogênese desta relação afetiva humanos e cachorros tomando como referência publicações do período entre guerras e pós-guerra tão bem como os modos disponíveis no período como mecanismos de importação de ideias. Os autores de referência são Bourdieu e Zelizer tomando como pressuposto a construção social dos diferentes mercados. Argumentamos que uma nova moralização da relação entre humanos e animais é sustentada pela relação conflituosa entre seres humanos com eles mesmos.*

#### **Introdução**

De um lado convivemos no Brasil com o aumento da violência policial, política de encarceramento em massa; alimentados pela desigualdade. De outro surge uma discussão sobre direito dos animais, ética animal, um direito já paginado o qual conquistou garantia legal de vida digna para os animais, livres de maus tratos por parte dos seres humanos. Isto contempla animais que comemos (indústria de carne e laticínios) e os que amamos (animais de estimação). O direito dos animais ou bioética é considerado avanço no campo da legislação comemorado como ampliação da esfera democrática no século XXI.

A proposta deste artigo é unir as duas temáticas sugerindo como a relação entre humanos e animal pode contribuir para explicar a relação entre os próprios seres humanos.

Raro atualmente quem não tenha amigo ou vizinho com um cachorro considerado membro da família. É um fenômeno espantoso o crescimento do número e do grau de afeto dedicado aos animais de estimação nas últimas décadas. O IBGE revela que já é maior o número de lares com cachorros do que com crianças (Ritto; Alvarenga, 2015). Há uma estimativa da existência de um bilhão de cachorros no planeta nos dias atuais<sup>1</sup> (Gromper, 2014). Técnicas para tratamento médico e aumento de longevidade principalmente de cães e gatos têm sido objeto de inúmeros investimentos<sup>2</sup>.

É importante não esquecer que os gatos também podem fazer parte da família, e este é o caso em muitos lares. No entanto, como o cão é a primeira espécie animal domesticada e é o animal mais presente nos lares, elegemos os cães como objeto de análise. Igualmente a cerca de 10 mil anos atrás, desenvolveu-se a prática de enterrar cães. Nenhuma outra espécie animal é incluída tão consistentemente em rituais mortuários humanos (Morell, 2015: 33).

A convivência de cachorros com humanos tem uma história que começa a ser novamente datada a partir de pesquisas recentes<sup>3</sup>. Diz-se novamente porque achados anteriores supunham que a convivência com humanos fosse um evento associado à agricultura. Novas pesquisas mostram que os cães atuais não descendem do lobo cinzento (como se acreditava até muito recentemente), mas sim de um lobo desconhecido e extinto, e também que a domesticação ocorreu enquanto humanos eram caçadores e coletores (Freedman et al., 2014; Larson, 2012). A novidade é que não foram os humanos que domesticaram os cães-lobos, mas estes últimos que se aproximaram dos humanos por

---

<sup>1</sup> Os cães (de maneira distinta aos gatos, os quais caçam pequenas presas) vivem em total dependência dos humanos (à exceção dos *dingoes* na Austrália) de maneira direta ou indireta (vivendo nas ruas e se alimentando de dejetos deixados pelos humanos). Segundo Gromper (2014), autor que estuda a relação de cachorros com animais silvestres, há uma quantidade preocupante de cachorros convivendo com esses animais silvestres, disputando alimento com eles, matando-os, espalhando patógenos e promovendo distúrbios no ecossistema.

<sup>2</sup> Já existe um grande conjunto de medidas que autorizam e naturalizam a utilização de tecnologias médicas, incluindo medicamentos para animais de estimação (SEGATA, 2015; KULICK, 2009). Conforme Ritto e Alvarenga (2015), técnicas aprimoradas de raio x foram desenvolvidas no sentido de fazer exames menos invasivos em animais de estimação e com maior detalhe.

<sup>3</sup> Novas técnicas de datação baseada em milhares de DNAs de lobos e cães modernos e primitivos e uma nova técnica de medir ossos conclui que os cães se originaram na Europa entre 32 mil e 19 mil anos atrás (FREEDMAN et al., 2014).

conta própria, identificando-os como um novo nicho ecológico que podiam explorar<sup>4</sup> (Larson, 2012).

Enquanto pesquisadores como Larson e Freedman desvendam as fronteiras genéticas entre lobos e cães, Tim Ingold convida a pensar fronteiras entre humanos e animais (Ingold, 1995). Importante lembrar que o que encanta humanos é a docilidade e obediência dos cães. Diferentemente dos lobos, que mesmo em ambiente de domesticação não respeitam ordens, os cães estão sempre aguardando comandos humanos. Quatro alcateias de lobos e quatro matilhas de cães estão em estudo desde 2008 no Centro de Ciência do Lobo, na Áustria. Depois de sete anos, embora os dois grupos de animais tenham sido treinados a obedecer ordens básicas de comando, identificou-se que os lobos mantêm uma independência mental e um comportamento muito diferente do de cães. A compreensão canina do não absoluto pode estar associada, segundo pesquisadores deste Centro, à estrutura de suas matilhas, que não são igualitárias como as alcateias dos lobos, mas ditatoriais (Morell, 2015: 28).

Ingold (2010)<sup>5</sup> observa que a captura, doma e procriação controladas constituem processos diversos e independentes que não necessariamente se apresentam associados e, por isso, a domesticação não pode ser definida por um ou outro aspecto. Segata (2012) observa que há negociações em torno da humanidade dos animais de estimação em particular: eles foram treinados para modular suas pulsões animais até chegarem ao ponto de gentis companheiros sentados nos sofás de casa em frente à televisão: sem rosnar, sem latir, cheirosos e dóceis.

De um lado, as explicações para a presença de cachorros nos lares surgem numa perspectiva da economia neoclássica como escolha dos seres humanos como atores racionais maximizadores de oportunidades que optam por cães (às vezes gatos, coelhos, papagaios etc.) como forma de preencher o vazio de lares modernos, ninhos vazios de crianças na sociedade industrial. De outro, autores como Ingold (2010) fazem uma leitura dinâmica da relação de humanos e animais mostrando como transformações econômicas e sociais podem ser pensadas em associação com aspectos que permeiam a zoologia de uma espécie. Este autor critica a ideia de que quanto mais instaurada a dinâmica

---

<sup>4</sup> O mais antigo inquestionável cão é um espécime de 14 mil anos encontrado em um sítio arqueológico na Alemanha mostrando não a domesticação utilitária, mas uma ligação afetuosa de um animal enterrado junto com uma família.

<sup>5</sup> Tim Ingold faz uma etnografia com renas e seus criadores, observando a relação entre humano, animal e território. Ele observa que houve uma mudança na prática de pastoreio para uma prática predatória quando os pastores começaram a mobilizar o *snowmobile* (trenó motorizado), o qual assusta as renas, já que elas os confundem com os predadores.

capitalista mais intensa a domesticação. Ele propõe pensar as relações produtivas entre humanos e animais. Desse modo, o que se propõe neste artigo é uma abordagem sociológica da relação entre humanos e animais na perspectiva dos mercados. Conforme Bourdieu (2000; 2005), Zelizer (1999) e Fligstein (2001, 2001<sup>a</sup>), mercados são arbitrários culturais que, para existirem, precisam do investimento de sentido, do preenchimento de significados. Exemplos da alta costura e dos mercados de casas próprias em Bourdieu (1976; 2000); em Zelizer (1978/1992; 1985/1994) dos seguros de vida, do mercado de adoção de bebês; e em Fligstein, a emergência do mercado de informática nos EUA (2001).

Zelizer (1985/1994) examina a alternância de significados proporcionada pelo mercado de crianças para adoção. Num primeiro momento, da passagem do século XIX para o XX, as crianças adotadas tinham como perfil de 6 a 12 anos de idade, do sexo masculino, e o objetivo da adoção era o de que elas fossem úteis nas tarefas do dia a dia. Na passagem do século e alimentada pela influência da adoção dos atores famosos, a adoção passa a ser de meninas, bebês e de olhos claros, para se tornarem herdeiras. Ao invés de contribuírem no orçamento, elas participam dos gastos do orçamento familiar. Transferindo este raciocínio para a relação de humanos com animais, interrogamos: quais negociações de sentido transferem os cachorros de moradores do quintal, úteis na vigia da casa, para habitantes que compartilham sofá e intimidade que, além de inúteis, consomem parte significativa dos orçamentos familiares? Como considera Segata (2011II/2012), o núcleo de construção da ideia de que os animais de estimação devem fazer parte dos lares ativa uma chave de equivalência moral na qual *os cachorros também são gente*. Este é um apelo constante e igualmente se nutre da equivalência biológica de que *humanos também são animais*; lógicas em balanço no processo de construção desta convivência entre humanos e cães. Como chegamos a este balanço? Como chegamos a este momento do afeto robusto dedicado aos animais de estimação em particular aos cachorros? O argumento deste artigo é que a construção do afeto dirigido aos animais se faz *pari passu* à desconstrução do respeito/afeto aos demais humanos. Analisamos a emergência de discursos a partir a inauguração das mídias situada no pós-guerra. A publicação estadunidense *Seleções/Readers Digest* que foi vendida por décadas em vários países incluindo o Brasil projeta uma imagem dos cachorros como melhor, mais fiel amigo dos humanos (contra outros inimigos humanos) e heroicos no contexto da guerra fria.

O **objetivo** é situar elementos da sociogênese da presença dos animais nos lares em particular dos cachorros, e refletir sobre a construção de significados que torna a presença desses seres nos lares algo razoável.

O artigo está dividido em duas seções. Na primeira analisamos a emergência de prescritores a partir do entre-guerras. Elegemos uma revista que, sendo estadunidense, foi umas das publicações mais difundidas em mais de 100 países durante décadas, com milhares de exemplares vendidos e que fez igualmente sucesso a partir de sua 1ª. edição entre brasileiros: *Seleções/Reader's Digest*. Na segunda seção analisamos os conteúdos das reportagens e compilamentos sobre cães. Esta revista projeta uma imagem de cachorros como amigos leais dos humanos (contra outros inimigos humanos), heróicos (num período das guerras e guerra fria) e mostrando relatos e histórias os quais chegam de diferentes fontes (de revistas náuticas- cachorros heróis no mar, das revistas científicas – descobertas de como adestrar o cão, das revistas urbanas, religiosas ou não, da presença dos cachorros no cotidiano da pessoas e na hora sagrada da morte. Imagens que compõem um mosaico de um ser que a medida que perde sua animalidade, ganha humanidade inclusive acima de outros humanos considerados fonte de frustração e decepção.

## **1. Cachorros e significados: dois momentos**

Bourdieu, ao analisar o mercado de casas próprias na França detalha o momento da construção do significado da casa própria. O autor situa uma  $t_1$  e um  $t_2$ . No momento  $t_1$  o francês estava habituado ao aluguel de casas subvencionadas pelo estado e poucas pessoas pensavam em adquirir casas próprias a não ser aqueles que já as recebiam por herança. O ponto de inflexão deste campo econômico é o momento em que o Estado francês passa a ser preenchido por uma nova geração de economistas com influência da escola de Chicago e sua tomada de posição. Eles fazem uma campanha pela criação de um mercado de casas próprias na França e para tanto criam a Comissão Barre responsável pelo famoso livro branco. Eles usam a nova tecnologia da economia de mercado como arma a seu favor, num movimento herético, inaugurando assim novos critérios de classificação e hierarquização da realidade: a ideia da casa própria passa a fazer parte do plano dos possíveis. Para tanto eles mobilizam a tecnologia de estatísticas econômicas (ferramental que eles dominam e que os velhos burocratas ignoram) no sentido de mostrar a oportunidade de mercado para o estado francês representado pelo mercado de casas

próprias. O Estado ao mesmo tempo em que retira subvenções das moradias de aluguel estimula a oferta abrindo espaço para construtoras tão bem como a demanda estimulando a compra de casas próprias. Interessa-nos aqui destacar o momento de passagem de significado dos cachorros como seres úteis para este de seres inúteis que implicam gastos do orçamento doméstico. Em particular refletir sobre a construção de significados que torna a presença destes seres nos lares algo razoável, inclusive em substituição a outros humanos. Neste sentido a relação entre humanos e cachorros pode ser adequada para pensar a relação entre os próprios humanos. Neste sentido propomos a análise da revista *Seleções/Reader's Digest* como parte do momento de inflexão do significado dos cachorros dentro dos lares.

Na mesma direção Elias (1939/1994) aborda o processo civilizador mostrando como lentamente o indivíduo é modelado por um conjunto de códigos de conduta e tributário de indivíduos interdependentes. O autor intenta mostrar a conexão entre a mudança na estrutura e alteração no comportamento e nas emoções. Para tanto ele mobiliza manuais de boas maneiras os quais permitem apreender processos sociais envolvidos na difusão de novos modelos de comportamento tao bem como novas formas de expressão dos sentimentos. Igualmente Ariès (1981/2011) situa no século XVII e XVIII auge de um novo sentimento sobre a infância, uma preocupação em preservar a moralidade da criança. Educadores decidem impor seus escrúpulos e concepções proibindo a leitura de clássicos. Eles os reescrevem de maneira moralizante, preocupados com o pudor e o cuidado de evitar afrontas à castidade (Ariès, 1981/2011:83).

Argumentamos neste artigo como as mensagens das revistas *Seleções* constituem uma nova moralização ou um manual de boas maneiras da sociedade que toma os cachorros como seres que devem ser considerados e respeitados inclusive acima de outros humanos.

## **2.1. Revista de cachorro e o cachorro de revista**

Quando se menciona o movimento de importação de ideias é bom lembrar que no Brasil a modernidade sempre foi associada a algo que vem de fora. A importação implica aclimatar ideias num novo solo. A modernidade se confunde frequentemente com contemporaneidade, na medida em que aderir ao que está em voga nos lugares mais

adiantados é frequentemente visto como moderno. Estar em dia com o mundo adiantado, ou seja, Europa e posteriormente Estados Unidos (Oliven, 2002:17).

A partir da década de 1930 o Brasil vive um momento em que o aparelho de Estado se torna mais centralizado e o poder cada vez mais se desloca do âmbito regional para o nacional. O país enfrenta as consequências da crise econômica de 1929 e da II Guerra Mundial. O nacionalismo ganha ímpeto e o Estado se afirma, tendência acentuada com a criação do Estado Novo (1937-1945). Modificações profundas ocorrem a partir do período 1930 a 45. Com o fim da guerra termina o Estado Novo e é eleita uma assembleia Nacional Constituinte com a tarefa de pensar um novo modelo de organização administrativa e política. A partir de 1964 com a tomada de poder pelos militares há uma crescente centralização política, econômica e administrativa por meio da integração do mercado nacional, da implantação de redes de estradas, de telefonia, de comunicação de massa, da concentração de tributos no âmbito federal e do controle das forças militares estaduais pelo exército (Oliven, 2002:32-33).

É neste clima de mudanças profundas que chegam ao Brasil a revista *Seleções*. As revistas ilustradas serviam inicialmente como mídia de massa antes que este papel fosse assumido pela televisão. A falta de imagens eram substituídas por peças gráfico-publicitárias. Esta revista tem seu auge entre as décadas de 1940 e 1960. Ela chega no período áureo da sociedade de consumo após o fim da II Guerra Mundial e meados dos anos de 1960. Este é o momento de consolidação de atividades de mercado, fim da escassez de insumos e plena atividade dos parques industriais. A fonte de prazer era atribuída ao comércio de produtos industrializados estimulado pelo discurso otimista dos meios de comunicação.

A partir deste momento, autores como Thompson (1995) sugerem como formas simbólicas são frequentemente mediadas pelo aparato técnico e institucional da indústria de mídia. Importante considerar que a partir da emergência da mídia impressa as formas simbólicas estão mais desconectadas da partilha de um local físico comum; a forma simbólica transcende o contexto social onde foi produzida.

## **2.2. A revista *Seleções* e seu contexto: difusão e compilamento**

Importante considerar a década de 1940 como momento de intensificação das relações políticas, econômicas, militares e comerciais entre EUA e América Latina sob a égide da política de ‘boa vizinhança’ e sob os auspícios do pan-americanismo constituído por Washington (Prado, 1995: 52). A aliança construída pelos Estados Unidos com América Latina durante primeiro governo de Franklin Roosevelt tinha como objetivo afastar a influência dos países do Eixo. No Brasil esta política consistiu em negociações em vários setores entre os quais um empréstimo para a construção da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda que se tornou carro-chefe da política nacionalista da era Vargas além de um financiamento para as Forças Armadas, outra meta do Estado Novo (Prado, 1995:56). Cabe aqui lembrar os procedimentos estadunidenses nos anos que antecederam a 2ª. Guerra. Como o temor do avanço da Alemanha na América do Sul o governo de Washington inicia uma mobilização diplomática em 1938; cria o órgão de divisão das Repúblicas Americanas com 14 escritórios entre eles o de cooperação militar e comércio. Os Estados Unidos iniciam uma política de transmissão internacional de rádio no sentido de contrabalançar a propaganda alemã. No mesmo ano foi criada a Divisão de Relações Culturais do Departamento de Estado para incentivar cooperação intelectual. Em 1940 e incentivado por Rockefeller o governo Roosevelt cria o Office of the Coordinator of Commercial and Cultural Relations conhecido no Brasil como Birô Interamericano. Ele foi encerrado em 1946, porém, durante sua existência incentivou atividades no setor de comunicações, relações culturais, saúde e comercial-financeira. A área de comunicações compreendia rádio, cinema, imprensa, viagens e esportes<sup>6</sup>.

Foi momento marcante o ano de 1942 quando a revista Seleções ganhou sua versão em língua portuguesa no Brasil. Ela foi nomeada como a ‘revista da família americana’. Conhecida pelas ‘Piadas na caserna’ e ‘meu tipo insquecível’ traz à memória a revista bem humorada que alcança os lares brasileiros com sucesso entre as décadas de 1940 e 1960 (Junqueira, 1995:95).. Ao mesmo tempo em que transcende o espaço divulga a experiência, concepção e crença dos norte-americanos. A revista começa a circular no Brasil dois meses após a entrada do país na II Guerra Mundial, e, sob o governo Vargas,

---

<sup>6</sup> No Brasil o programa de Rádio Repórter Esso patrocinado pela companhia de Rockefeller (Standard Oil) ficou famoso e ligado à imagem de uma fonte segura de informações. Foram estimuladas as agências de notícias estadunidenses como a United-Press e Associated-Press as quais desbancaram agências italianas e alemãs e garantiram sua presença quase exclusiva no mercado de notícias no pós-guerra. Os jornais na América Latina não eram autossuficientes em papel e tiveram igualmente que se submeter aos ditames estadunidenses. Nos anos de guerra fria essa pressão sobre a expressão daqueles que discordavam dos ditames liberais estadunidenses permaneceu (Prado, 1995: 57-58).



decidiu pelo alinhamento ao bloco liderado pelos EUA<sup>7</sup> (Scherer, 2014:10). A revista constitui-se durante a guerra fria como veículo a serviço dos aliados iniciando sutil propaganda do *american way of life*; ideário da cultura americana, como o externo a ser imitado. A grande interpretação da 2ª guerra mundial veio através dos textos e julgamentos emitidos pela Revista Seleções. O heroico soldado americano, o perigoso nazista, o dissimulado japonês (Prado, 1995: 57-58). A revista mostra os EUA como mundo harmonioso, visível e ordenado e contrapõe à América Latina fazendo referências às suas florestas: lugar do caótico, imaturo e desordenado. O homem americano ativo e empreendedor e o latino-americano passivo, atrasado, incapaz de dominar a natureza ao seu redor (Junqueira, 1995: 97). O grande sucesso da revista lançou seu criador De Witt Wallace como modelo de homem empreendedor estadunidense. Do seu início sem recursos ao apogeu de um império com conduta moral e audácia empreendedora conforme os editoriais da revista anunciam (Junqueira, 1995: 96).

É possível observar os magazines de leitura rotineira como a revista Seleções como fonte de importação de ideias. O primeiro aspecto que chamamos a atenção é para o de que a revista teve por longas décadas grande distribuição nos Estados Unidos inicialmente e a partir da década de 1940 para diversos países. A tiragem de 1943 foi de sete milhões de exemplares, julho de 1944 onze milhões em cinco idiomas. Em junho de 1951 o editorial anuncia Seleções como a revista mais lida do mundo com circulação mensal superior a 15 milhões e 500 mil exemplares. Em 1952 é editada em 11 idiomas e em dezembro de 1953 em 12 idiomas. O segundo aspecto se refere à atividade de compilamento: a revista contrata editores de diferentes áreas e esses editores realizam uma seleção e condensação desde artigos científicos e livros até de revistas sobre assuntos corriqueiros do dia-a-dia e coloca todas estas informações no mesmo patamar ao leitor comum com o mesmo grau de legitimidade. Outrossim quem confere esta legitimidade são os próprios editores ao eleger o assunto. A revista está dividida em três setores, no primeiro faz elogios

A revista *Reader's Digest* (tradução direta 'resumo para os leitores' doravante Seleções tradução eleita no Brasil), avó das revistas especializadas e dos nossos jornais atuais. Ela se propunha a contratar redatores e jornalistas os quais liam as principais

---

<sup>7</sup> No período da II Guerra Mundial ela transpõe fronteiras e é lançada na Inglaterra em 1938, no México em 1940. Na sequência versões sueca, árabe, austríaca, alemã, japonesa e francesa. Todas as edições nos diferentes países foram sucesso imediato. Isto transformou o Digest no maior negócio de mídia impressa do século XX.

publicações na época (início 1922) e faziam um resumo didático para os leitores. Os leitores, por sua vez, poderiam ser desde chefes de estados, cientistas e autoridades nacionais (que vez ou outra manifestavam seu apreço pela revista no espaço da contracapa) até donas de casa, presidiários e alunos de colégios que podiam receber a revista gratuitamente (conforme notas do editorial).

Esta revista foi criada por Witt Wallace e Lila A. Wallace. No início (1922) a circulação máxima esperada era de 50 mil exemplares e já no primeiro número chegaram a 100 mil. O quinto número a revista já chega ao Brasil e só aqui vendeu 150 mil exemplares. Witt Wallace cursara o Colégio Mc Lester de Saint Paul (Minesotta) do qual seu pai era presidente e concluiu estudos na Universidade da Califórnia. Ele acreditava numa publicação que tornasse os conteúdos mais didáticos. Em julho de 1921 ele escreveu uma carta com suas intenções e pedindo contribuições de fundadores que ao receber o primeiro número, caso não gostassem, poderiam pedir seu dinheiro de volta. Após o primeiro número ele oferecia a assinatura anual. Em 1922 foram cinco mil exemplares enviados aos assinantes fundadores e em 1942 *eram cinco milhões de exemplares saindo das rotativas do casal Wallace* (Seleções, 1942:12).

Conforme o editorial da revista e no espírito do *self made man* e do *american way of life* ‘sem depender do governo’<sup>8</sup> (Seleções, 1942:18). Reunia à época 61 redatores antigos diretores de revistas especializadas em publicações literárias, científicas, religiosas, comerciais e educativas. “Os editores lêem as melhores revistas e publicações especializadas, principais jornais e livros mais importantes com leitores em 105 países e de de todas as idades e classes sociais. *Lêem-se por igual médicos e seus doentes, professores e seus alunos, patrões e seus empregados* (pg 20, Seleções, junho, 1942).

No Brasil já em 1942 a revista alcançou cidades do centro do país, além de outras localidades distantes a exemplo do Acre atendendo a 15 estados. O processo de distribuição da *Revista Seleções* tinha um “representante geral” – Fernando Chinaglia, estabelecido na capital, Rio de Janeiro. O periódico só começa a ser editado e impresso, no Brasil na década de 1950. Até essa data, os exemplares da *Revista Seleções*, foram elaborados em duas localidades diferentes: no período de fevereiro de 1942, até fevereiro

---

<sup>8</sup> Conforme Loïc Wacquant destaca como propriedade distintiva dos Estados Unidos uma sociedade sem o Estado, ainda uma sociedade contra o Estado como representação que neste país é dada à doxa nacional; a ideologia cívica estadunidense pretende que a sociedade tenha sido forjada sem o Estado. “Dos *Pilgrims fathers* à Dinstia Bush os estadunidenses sempre se viram como povo autônomo essencialmente rebelde contra toda autoridade preservando um anti-estatismo da cultura política nacional” (Wacquant, 2015;90).

de 1945 – Nova Iorque - Estados Unidos; e, entre março de 1945 e março 1950 – Havana /Cuba. O sucesso atingido pela *Revista Seleções* estava relacionado tanto ao seu conteúdo quanto em relação a sua forma de apresentação. A revista era mensal, continha, em média, 30 artigos e anúncios, um artigo para ser lido a cada dia do mês, além de uma resenha de uma obra considerada pelos editores de *Seleções* como significativa (Scherer, 2014:15). Os artigos eram escolhidos a partir de uma fórmula de julgamento elaborada pelo fundador do periódico, De Witt Wallace, e obedecia segundo Junqueira (2000: 33) a seguinte máxima: 1) “é digno de ser lido?”; 2) “é aplicável aos interesses da maioria?”; e, 3) “é de interesse permanente?” Vemos aqui o elemento dos manuais de boas maneiras conforme Elias discute no Processo Civilizador.

Entre magazines e outras publicações citadas como fonte para os artigos: *Time*, *New York Times Magazine*, *Life*, *Scientific American*, *Nature*, *Chicago Daily News*, *Herald Tribune*, *Cosmopolitan*, *Saturday Evening Post*, *The Rotarian Variety*, *Christian Science Monitor*, *Catholic Word*, *Pan American*, *This Week*, *American Legion*, *Yale Review*, *Nautical Gazette*, *Liberty*, *Good House Keeping*, *National Safety News*, *American Mercury*, entre outros.

Cabe ressaltar que a tônica geral das peças publicitárias sugeria para os leitores, de maneira simultânea, o contexto da Segunda Guerra Mundial e os “inimigos em comum” de “todos” os americanos, bem como os frutos colhidos pelos aliados no futuro do pós-guerra. A imaginação de um “avanço” simétrico entre os países era dada a partir do exemplo norte-americano, a sociedade brasileira, tinha através das mensagens e anúncios veiculados em *Seleções* um farto material para constituir os seus próprios significados do *american way of life*, embora os seus estereótipos estivessem bem definidos, quais sejam os nazistas e demais países integrantes do chamado, na época, “Eixo do Mal” (Scherer, 2014:15).

Segue abaixo um quadro com os principais artigos sobre cachorros e organizados por temas:

Ano/mês	fonte	Imagem projet.	conteúdo
Junho/42	How to Practically anything	Cão desrepeitoso com humanos	O cachorro sabe que o dono é dele. Quando o dono começa a comer, o cachorro olha para ele e ganha a primeira garfada; deixa seu terno desalinhado

Dez/42	My life and hard times	Cachorro folgado	Um cachorro com temperamento, mordeu + de 40 convidados da casa. A mãe enviava bombons no Natal para compensar constrangimento
Março/43	American Magazine	Cão fiel, servil	O dono viajava e o cão o aguardava e trazia as pantufas em frente a cadeia do dono. Morreu com as pantufas na boca.
Maio/43	Centure Magazine	Ciumento, vingativo	Ciúme de outros cachorros. Subia em todas as camas e desarrumava quando sozinho
Junho/43	American Kennel Gazette	heroi	O Cachorro protege o gato da mesma dona/um cachorro ajuda o outro a tirar a mordaca
Julho/43		Herói/ companheiro	Cão pastor da escócia. “Lembro dele melhor que de muitos homens e mulheres que já faleceram” Trazia o jornal para o dono.
Julho/43 Tiragem 7 milhões exemplares		úteis	Recrutamento de cães para a guerra em 1943. Nos EUA 40.000 selecionados: farejadores descobrir posição do inimigo, mensageiros, pardiroleiros
Abril/44	Rotarian	Cães de guerra	Astúcia dos animais. Cão doado ao exército ameaçava as pessoas.
Junho/44	Nature	astúcia	Pesquisa com coiotes
Julho/44 10 milhões	Time for each other	companheiro	Um cão para Bibi
Jan/44	Life	humanizado	Cachorro mascote de um navio da guarda costeira norteamericana. Tinha sua taverna preferida e namoradas em cada uma.
Fev/45	Alan Devoe	Herói	‘O melhor amigo do homem’ Um cao salva o outro preso em uma caverna.
Out/45	Memphis Press Scimitar	Herói	A cachorra dá a luz 6 filhotes. O dono manda afoga-los. Ela vai até o rio o os salva.
Dez/45	Alan Devoe	Leal	“O melhor...” Cão travesso até que uma família foi visitada por um cego e ele se torna educado.
Dez/45		Herói	Ele advinha quando seu dono aviador de guerra está em apuros e o salva.
Dez/45		Herói denuncia humano	Cocker Spaniel - Acompanha o dono no golf. Denunciou um caddie indiano que havia roubado uma bola.
Abril/48	Alan Devoe	Herói solidario	Collie - Trazia o pão da padaria todos os dias, menos um entregue a uma cadela de perna quebrada
Abril/48		Herói	Rasgava as almofadas mas ajudava criança com paralisia a se locomover

		Herói	Cachorro tocou a campainha para avisar o dono depois de levar um tiro
Ago/48	The New YorkTimes	antropomorfizado	Cadela Scotch Terrier que muda da cidade para o campo. Estranhou e depois descobriu bangalôs de verão, era alimentada e passa a morar com estes habitantes.
Abril/49	Alan Devoe	Herói Solidário	Cachorro que sobre as escadas com dificuldade para se despedir antes de morrer/cadela que esconde filhotes para que não sejam doados ao vizinho.
Ago/50	Francis e Katerine Drake		Oito mil anos de convívio do cão e humano. O cão deu tudo ao homem: amor, consolo, diversão, sentinela, criança, gado. Porém, muitos não sabe cuidar de seu cão. Caes bravos são cães desprezados ou punidos.
Nov/51		“Cleptomaniaco”	Roubava comida outros cachorros; litros de leite dos vizinhos
NOv/51		Cão igual ao humano	Ter cães é como ter mulher e filhos: tira sua liberdade, mas, vc não vive sem eles.
Mai/52	New Liberty	Herói superior aos humanos	Favorito da Scotland Yard – cão terra nova ganhou manchetes de radio e tv. Recebeu correspondência de fãs, foi afagado pela rainha Elizabeth. Apanhou + de 100 delinquentes em 3 anos. Trabalhou melhor do que a maioria dos guardas
Junho/52	Em 11 idiomas	Cão ensina ao homem	Meu cão, meu dono. Bem ensinado o homem pode ser o melhor amigo do cao. Eu pertenco a um setter inglês. Ele me adquiriu quando tinha 6 meses e vem me ensinando, hoje estou domesticado; nem todo cao consegue educar um homem, segredo de paciência.
Março/53		Civilidade dos caes	Um cão adestrado distingue-se de seus companheiros. Não recebe amigos em casa sugando-lhes a roupa. Quando sobre numa cadeira basta um não e desce. O não adestrado não sabe seu lugar no mundo.
Junho/55		Herói	O cachorro salva a vida de um bebê.
Dez/55			A volta de Rintintin
Nov/56		Herói	Cão deu biscoito canino a um bebê que chorava
Set/56			Cachorro clandestino pegou carona num navio para encontrar seu dono em outro
Março/57		Herói	Cães salvadores da Suíça – salvam pessoas soterradas na neve.

NOv/68		Cão – membro da família	Onde enterrar um cão. Em campos abertos; o melhor local no coração do dono.
--------	--	-------------------------	-----------------------------------------------------------------------------

### **Considerações finais**

A revista Seleções começa a ser publicada no entre-guerras e ganha reconhecimento internacional a partir da década de 40 em plena segunda guerra mundial. É desta ‘guerra’ de ideias que ela vai participar fortemente. Os cães aparecem como melhores amigos do homem, mas não só. Também como protetores dos homens contra outros homens como era o espírito da duas guerras mundiais do século XX. Este é o encaixe dos casos contados por diferentes publicações e posteriormente, animado por cartas de leitores os quais reproduzem casos épicos com seus bichos de estimação.

Ela surge dentro do projeto de política de Boa vizinhança dos EUA num movimento de aproximação da América Latina a fim de evitar a influência da Alemanha e demais países do eixo. Ela serve como um manual de boas maneiras no qual a melhor forma de viver é entre outras sugestões, tratar os cachorros como o melhor e mais fiel amigo do homem.

A revista é uma das fontes de origem e inspiração de centenas de blogs, programas de tvs, filmes e outras revistas especializadas em animais de estimação; a forma como os animais aparecem é sempre no sentido de heróis (um dos primeiros artigos da revista aborda a história de Rintintin, cão que se tornou famoso personagem de TV estadunidense e segundo a lenda foi encontrado nos escombros da 1ª guerra mundial) que salva humanos (em geral do perigo de outros humanos). As pistas desta pesquisa indicam que a relação de humanos e cachorros é uma bom caminho para pensar a relação de humanos entre si.

## Referências

Ariès, P. *História social da criança e da família*; trad. Dora Flaksman. 2ª. Imprensa, RJ:LTC, 1981/2011.

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. Trad. Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp, 2008.

\_\_\_\_\_. O campo econômico. *Política & Sociedade*, n. 6, p. 15-58, abr. 2005.

\_\_\_\_\_. *As estruturas sociais da economia*. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

\_\_\_\_\_. *Ce que parler veut dire*. L'économie e des échanges linguistiques. Paris: Fayard, 1982.

\_\_\_\_\_. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.

\_\_\_\_\_. Le couturier et sa grife: contribution à une théorie de la magie. Actes de la Recherche em Sciences Sociales. Jan. no. 1, pg: 7-36,1976.

Coradini, O (2005) A Formação da Elite Médica, a Academia Nacional de Medicina e a França como Centro de Importação. *Estudos Históricos*, v. 35 (1): 1 -35.

DAL-FARRA, R. A. *Representações de animal na contemporaneidade: uma análise na mídia impressa*. 2003. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2003.

Elias, N. *O processo civilizador*. Uma história dos costumes, vol.1.trad. Ruy Jungman, RJ: Jorge Zahar Editor, 1939/1994.

FLIGSTEIN, N. Social skill and the theory of fields. *Sociological theory*, v. 19, n. 2, p. 105-125, 2002.

\_\_\_\_\_. Le mythe du marché, *Actes de la Recherche*, 139: 3- 12, 2001.

\_\_\_\_\_. Mercado como política: uma abordagem político-cultural das instituições de mercado. *Contemporaneidade e Educação*, ano 6(9): 26 -55, 2001ª.

\_\_\_\_\_. *The architecture of markets: an economic sociology of twenty-first-century capitalist societies*. New Jersey: Princeton University Press, 2001b.

GROMPER, M. E. *One billion dogs? What does that mean?* 2014. Disponível em: <http://blog.oup.com/2014/03/one-billion-dogs-wildlife-conservation/>. Acesso em: 10 jul. 2016.

INGOLD, T. Da transmissão de representações à educação da atenção. *Educação*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

\_\_\_\_\_. Humanidade e animalidade, *RBCS*, vol 28, 1995. Disponível em: [http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbc\\_00\\_28/rbc28\\_05.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbc_00_28/rbc28_05.htm)

JUNQUEIRA, M. A. (1996) Seleções do *Reader's Digest*: o olhar norte-americano sobre a América Latina. *História Revista* vol 1 (2) pp: 95-105.

Kulick, D. (2009) Animais gordos e a dissolução de fronteiras entre as espécies. *Mana Estudos de Antropologia Social*. Vol 15(2):481-508.

LARSON, G. et al. Rethinking dog domestication by integrating genetics, archeology, and biogeography. *Proceedings of the national Academy of Science USA*, v. 109, n. 23, p. 8878-8883, jun. 2012. Disponível em: [www.pnas.org/content/109/23/8878](http://www.pnas.org/content/109/23/8878). Acesso em: 12 maio 2016.

LIMA, J. V. R. B. C. *Novas formas relacionais, valores ambientais e reestruturação do conjunto da vida: os indivíduos e seus bichos na cidade de Brasília*. 2002. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade Federal do Ceará, Ceará: UFC, 2002.

MORELL, V. Evolução: do lobo ao cão. *SCIAM*, ano 13, n. 159, p. 26-34, 2015.

OLIVEN, R (2002) Cultura Brasileira e identidade nacional. In: Miceli, S. (org.) *O que ler na Ciência Social Brasileira*, vol. IV. São Paulo: ANPOCS: Edt. Sumaré: Brasília: CAPES, 2002, pp:15-44.

PRADO. M L C (1995) Ser ou não ser um bom vizinho: América Latina e Estados Unidos durante a guerra. *Revista USP*, São Paulo, vol 26: pp: 52-61, jun-ago, 1995

RITTO, C.; ALVARENGA, B. A casa agora é dos cães – e não das crianças. 4 jun. 2015. *Revista VEJA*, 2015. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/a-casa-agora-e-dos-caes-e-nao-das-criancas>. Acesso em: 12 jan. 2016.

SAUTCHUCK, C. E.; STOLKLI, P. O que é um humano? Variações da noção de domesticação em Tim Ingold. *Anuário antropológico*. 2012. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/anuario-antropologico/180>. Acesso em: 27 set. 2015.

SEGATA, J. Le cosmopolitique de la dépression. Biosocialité dans une ethographie multi-espèces. *Vibrant*, v. 12, n. 1, p. 290-320, 2015.



\_\_\_\_\_. Os cães com depressão e seus humanos de estimação. *Anuário Antropológico*, p. 177-204, 2011-II/2012.

SCHERER, C. Jr. (2014) A disseminação da cultura e da ideologia norte-americana no Brasil no contexto da II Guerra Mundial e o caso da Revista Seleções *Reader's Digest*. *Revista Latino-Americana de História*, vol 3 (10), ago, 2014, pp: 7-22.

WACQUANT, L. (2015) *Punir os pobres. A nova gestão da miséria nos Estados Unidos* [A onda punitiva] RJ:Revan, 2003, 3ª. Edição, 2ª. Reimpressão.

ZELIZER, V. Human values and the market: the case of life insurance and death in 19th-century America. *American Journal of Sociology*, v. 84, p. 591-610, 1978/1992.

\_\_\_\_\_. Multiple markets, multiple cultures. In: SMELSER, N., ALEXANDER, J. (Eds.) *Diversity and its discontents*. Princeton University Press: [S.l.], 1999. p. 193-212.

\_\_\_\_\_. *Princing de priceless child*. The changing social value of children. Princeton University Press: [S.l.], [1985] 1994.